

SINAIS TERENA E GRAFOCENTRISMO EM LÍNGUAS DE SINAIS CONTRIBUIÇÕES TEÓRICAS

Cristina Martins Fargetti¹
Priscilla Alyne SumaioSoares²

Resumo: Tratamos neste artigo de considerações sobre a existência do que chamamos “grafocentrismo” nas línguas de sinais, e com isso focalizamos os sinais terena, de comunidade surda dos terena³ do Mato Grosso do Sul. Procuramos mostrar que estes sinais não foram, em sua origem, influenciados pela escrita da língua portuguesa, língua majoritária no país, nem pela escrita da língua terena oral, recentemente criada, ou pela escrita de qualquer outra língua oral. Isto mostra, uma vez mais, sua originalidade e aponta para sua autonomia, enquanto sistema linguístico, embora, obviamente, como todo sistema, possa ter empréstimos de todo tipo. Como é sabido, línguas europeias de sinais sofreram a influência da escrita da língua oral majoritária em seu país, como ocorreu, por exemplo, com a língua francesa de sinais, que deu origem, por sua vez, à libras. Os fatores que geraram essa influência são discutidos ao longo do trabalho. Antes disso, porém, apresentamos o povo terena, os surdos terena informantes da pesquisa de SUMAIO (2014) e sinais que eles utilizam.

Palavras-Chave: sinais terena; línguas de sinais; grafocentrismo.

Abstract: In this article we consider the existence of what we call “graphocentrism” in sign languages, and with this we focus on the terena signs, from the terena deaf community of Mato Grosso do Sul. We try to show that these signs were not, in their origin, influenced by the writing of the Portuguese language, the majority language in the country, or by the new writing of the oral terena language, or by writing of any

¹Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Departamento de Linguística, Araraquara, SP. Líder do Grupo de Pesquisa de Línguas Indígenas Brasileiras, LINBRA, do CNPq. cmfargett@gmail.com. Apoio financeiro do projeto pelo Edital Universal CNPq-2013, processo número 477669/2013-1

²Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Faculdade de Ciências e Letras, Araraquara- SP, doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Linguística e Língua Portuguesa. Membro do LINBRA. pri_sumaio@hotmail.com. Bolsista CAPES.

³Os nomes de povos indígenas não recebem marca de plural, seguindo convenção internacional dos etnólogos.

other oral language. This once again shows its originality and points to its autonomy as a linguistic system, although, of course, like any system, it can have loans of all kinds. As is well known, European sign languages have suffered influence of the writing of majority languages in their country, as was the case, for example, with the French Sign Language, which in turn gave rise to the Libras (Brazilian Sign Language). The factors for this influence are discussed throughout the work. Before that, however, we present the Terena people, the deaf Terena informants from the SUMAIO survey (2014) and some signs they use.

Keywords: terena signs; sign languages; graphocentrism.

INTRODUÇÃO

O povo terena tem sua origem no Éxiva (chamado também de Chaco Paraguai). Os terena iniciaram sua migração para o Brasil em 1760 e habitam hoje 17 terras indígenas nos estados do Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e São Paulo (LADEIRA; AZANHA, 2004).

Os aspectos culturais do povo terena registrados nos trabalhos de Bittencourt & Ladeira (2000), Baldus (1979), Oliveira (1976) e outros, colaboram para uma reflexão acerca da relação entre língua (neste caso, os sinais terena) e cultura.

Alguns terena são bilíngues (falam português e terena), mas a maior parte de sua população é monolíngue em língua portuguesa. Estudos sobre os aspectos gramaticais da língua (oral) terena, como os de Nascimento (2012) e Rosa (2010), bem como estudos lexicográficos e o dicionário bilíngue terena/português de Silva (2013) auxiliam na compreensão dessa situação e também para o conhecimento dos costumes e cosmovisão desse povo.

A pesquisa de Sumaio (2014) foi realizada junto a surdos e ouvintes das aldeias Cachoeirinha, Argola, Babaçu e Morrinho, próximas à cidade de Miranda – MS. O trabalho acadêmico contou com 13 informantes surdos no início, e conta com 7 atualmente (e conta também com informantes ouvintes). O atual projeto (a tese de doutorado em desenvolvimento) trata dos sinais terena, ou seja, engloba a cosmovisão de dois “povos minoritários” que nesse caso se entrelaçam: surdos e indígenas.

O estudo de línguas minoritárias contribui para sua preservação e valorização, para a continuidade de seu uso. Trabalhos como esse buscam o respeito por línguas indígenas e de sinais, em seu aspecto legal e educacional, constituem um documento para a posteridade e podem contribuir com novas teorias linguísticas, inclusive com estudos recentes e inéditos sobre línguas indígenas de sinais.

Alguns dos surdos que fazem parte do estudo sabem libras (pois aprenderam na juventude, em escolas na cidade de Miranda) e outros, apenas sinais terena. É perceptível que a cognição desses surdos não foi afetada, o que possibilitou constatar que eles tiveram acesso a algum outrossistema de comunicação, que não a libras, na fase de aquisição da linguagem. Essa informação gerou o objetivo de saber que sistema seria esse.

Este texto se constitui, além desta introdução, de uma apresentação sobre os sinais terena já documentados e seu estudo atual; questões teóricas pertinentes para a discussão que desejamos fazer; considerações sobre “grafocentrismo”; configuração de mão e grafocentrismo; e uma conclusão, em que registramos os pontos ainda em aberto.

OS SINAIS TERENA E SEU ESTUDO

O objeto da pesquisa de mestrado de Sumaio (2014) foi a língua brasileira de sinais (doravante libras) e os sinais terena, utilizados em comunidade indígena, cujos ouvintes são falantes de português e terena (língua oral). A pesquisa, iniciada em 2011, foi realizada em quatro aldeias próximas ao município de Miranda-MS: Argola, Babaçu, Cachoeirinha e Morrinho, onde estão localizados os informantes surdos e seus familiares ouvintes. Com sua autorização e dos caciques de suas respectivas aldeias, desenvolvemos o estudo.

Os sinais terena foram recentemente descobertos pelos purutuyé (nome dado pelos terena a todos que são “brancos”, ou seja, que não são índios). Vilhalva, que mapeou os surdos indígenas do estado do Mato Grosso do Sul, faz referência a esses sinais em sua dissertação de mestrado (2012), porém somente agora eles estão sendo analisados linguisticamente por Sumaio, que busca compreendê-los e defini-los como língua ou variedade, o que implica em sua documentação e sua descrição adequadas. Afirmar, a princípio, que seriam apenas “sinais caseiros”, como o

fazem outros pesquisadores em relação a línguas indígenas de sinais e mesmo a variedades da libras, seria um grande preconceito, seria negar a seus falantes qualquer status diferente a sua forma de falar, definindo-a como algo menor (caseiro), algo impróprio (gíria, como diriam alguns terena) e fadado ao esquecimento. Isso é um terrível preconceito linguístico, obviamente. Por outro lado, afirmar a priori que tais sinais constituiriam uma língua indígena seria apressado.

Afinal, poderiam ser libras com variação regional, pois, como mostra Andrade (2013), a libras falada em João Pessoa e Campina Grande, duas cidades vizinhas no estado da Paraíba, apresenta sensíveis variações em todos os parâmetros fonológicos, em muitos sinais. Ou mesmo os sinais terena poderiam constituir um pidgin. Então, nos perguntamos o que é língua, afinal de contas? Quem decide isso? Os linguistas e seus parâmetros teóricos? Os falantes? Os políticos que decidem políticas linguísticas para toda uma comunidade? Assim, responder de pronto se os sinais terena constituem uma língua distinta da libras é tarefa impossível para o linguista consciencioso e também não preconceituoso. É preciso respeito a toda manifestação linguística, de toda comunidade, indígena ou não, e isso inclui não realizar julgamentos, a partir de um ponto de vista comprometido com algum interesse qualquer. Por buscar o respeito e a adequada documentação e descrição prévia, nos abtemos de classificar os sinais dos terena, no momento, embora esta classificação seja um de nossos objetivos futuros.

Os sinais terena foram coletados a partir da observação direta de diálogos espontâneos entre surdos e também a partir de elicitções, feitas em trabalho de campo. Esses sinais foram filmados, fotografados, desenhados e descritos por meio da escrita em português e posteriormente analisados. Sempre que possível, os informantes vestiram camiseta preta ou branca e utilizamos recurso do fundo branco para facilitar a visualização do sinal e de suas unidades. Pôde-se observar como os informantes pensam, agem e sinalizam, coletando informações de diversos tipos.

Certamente o estudo dos aspectos culturais do povo terena foi fundamental para compreender também os seus sinais, e as pessoas que se utilizam deles. O povo terena, como muitos povos indígenas, não são grafocêntricos, por exemplo. Isso nos levou a

⁴Que, obviamente, tem variedades distintas, e, por vezes, também minoritárias e estigmatizadas, porém pertencentes ao que chamamos língua portuguesa, oficial em nosso país.

algumas questões, que resultaram neste artigo.

Com o que já foi feito e com a tese de doutorado que está sendo elaborada, desejamos contribuir para a discussão e o entendimento do funcionamento das línguas de sinais em geral e com novo enfoque, buscar respeitar e valorizar a cosmovisão terena surda e a terena ouvinte, cada uma com suas especificidades, que, muitas vezes, se entrelaçam. Com esse posicionamento, inclusive, pensamos colaborar com a educação dos surdos indígenas, uma vez que proporcionamos o conhecimento da sua diferença linguística e portanto da necessidade de abordagens diferentes na educação escolar de uma comunidade linguística minoritária, dentro de uma comunidade linguística maior, mas também minoritária, em comparação com os falantes de português⁴.

ALGUNS APONTAMENTOS TEÓRICOS

Audrei Gesser coloca que “Desde a década de 1960[...], (a libras) recebeu o status linguístico, e, ainda hoje, passados quase cinquenta anos, continuamos a afirmar e reafirmar essa legitimidade.” (GESSER, 2009, p. 9) Os sinais e línguas de sinais indígenas, por sua vez, ainda precisam receber o devido status linguístico.

Os sinais, segundo Stokoe, são “símbolos complexos e abstratos que podem ser analisados em unidades menores” (XAVIER, 2009, p. 10), como acontece nas línguas orais. O conhecimento na área não é extenso, como para as línguas orais, pois, ao pensarmos em nossa realidade, pesquisas nacionais sobre línguas de sinais têm seu início recente, em 1980 (FERREIRA-BRITO, 1995; QUADROS, KARNOPP, 2004; FELIPE, 2006).

A falta de acesso a esse conhecimento gerou e ainda gera muito preconceito em relação às línguas de sinais. Muitos leigos e até mesmo educadores de surdos consideraram as línguas de sinais inferiores às línguas orais e muitas vezes as trataram como pantomima ou mímica, o que foi refutado de diversas maneiras por cientistas, posteriormente. Algumas pessoas também confundem a libras com a datilologia, que é a representação do alfabeto da língua portuguesa (como veremos mais adiante) por meio de algumas configurações de mão dessa língua, ou seja, apenas uma pequena parte do seu léxico.

Quadros e Karnopp (2004) pontuam as características das línguas naturais: flexibilidade, versatilidade, arbitrariedade, descontinuidade, criatividade, produtividade, dupla articulação,

padrão de organização dos elementos e dependência estrutural. A libras possui todas essas características (GESSER, op. cit.) e não só por ser uma língua em pleno crescimento. Ultimamente, com mais divulgação devido a leis recentes que a envolvem, inclusive demandando diversas mudanças na educação no país, ela também chama a atenção por ser uma modalidade diferente de língua (viso-gestual, e não oral-auditiva, como são as línguas orais), com a qual podemos aprender diferentes especificidades. Portanto, com base nas análises linguísticas feitas sobre essa língua, ficou estabelecido que ela não é um conjunto de gestos ou mímicas e nem um conjunto de configurações de mãos que representam apenas o alfabeto da língua portuguesa.

Estas considerações são válidas não apenas para a libras, mas para todas as línguas de sinais, que, diferentemente, podem ter status com maior ou menor prestígio nas sociedades em que elas existem, devido ao maior ou menor prestígio das comunidades que as falam. Compreende-se, portanto, porque os sinais indígenas e mesmo as línguas de sinais indígenas são vítimas de preconceito.

CONSIDERAÇÕES SOBRE GRAFOCENTRISMO

Não há como negar que nossa sociedade é grafocêntrica, pois, mesmo ao nascer, somos identificados em papel, por escrito, em nossa certidão de nascimento, com a grafia de um nome que irá nos acompanhar para o resto de nossas vidas. Se ele é grafado com y, com h ou não, isso é extremamente importante para nós, para quem somos. Assim, desde cedo, nós da cultura do papel, temos dificuldade de dissociarmos nosso pensamento da grafia de letras.

É comum, por exemplo, uma pessoa leiga em linguística dizer coisas como: "no dialeto da minha cidade, as pessoas engolem letras, falam tudo abreviado". Obviamente, não falamos letras. Letras são grafemas que, na escrita de determinada língua, representam uma convenção para a sua oralidade, que é feita de sons, os quais podem representar unidades abstratas, que podem causar diferença de significado, chamadas "fonemas". Isto é fonologia básica para um estudante de Letras, mas é algo estranho e desconhecido para a maioria das pessoas, as quais, apesar da linguística existir como ciência há 100 anos, continuam dizendo que "falamos letras", "engolimos letras", "falamos errado algumas

letras”, e por aí vai.

Mas toda sociedade é grafocêntrica, centrada na escrita? Na verdade, sempre houve sociedades ágrafas, sem escrita. O surgimento da escrita se deu, segundo pesquisas arqueológicas, com os sumérios, na Mesopotâmia, em torno de 3.000 aC. Devido aos elementos empregados para sua impressão (tabuletas de barro e estilete), ela evoluiu para cuneiforme, e pensa-se que influenciou os sistemas surgidos desde então (SAMPSON, 1996).

Em geral, com exceção dos maias, os índios americanos constituíam sociedades ágrafas. Pensando na revolução dos sistemas de escrita, que se espalharam a partir dos sumérios, os americanos, aqui isolados por em torno de 10.000 anos, após sua migração da Ásia, não acompanharam essa modificação em suas culturas.

Portanto, acreditamos que o isolamento fez com que não entrassem em contato com sistemas de escrita, e assim permaneceram até o contato com os europeus que, a princípio com intuítos missionários, lhes impuseram ortografias para suas línguas, a partir de modificações do alfabeto romano. Isso teve grande impulso com Kenneth Pike (1947), linguista norte-americano que, com interesses missionários, contribuiu para a descrição de línguas e sua “redução” à escrita. Antes dele, jesuítas no Brasil, como Anchieta, estudaram a língua tupi, e lhe propuseram uma grafia com base no alfabeto romano. Mas, curiosamente, no Canadá, em 1840, um missionário metodista, fluente na língua cree, propôs para ela um sistema de escrita silábico, com sinais diferentes do alfabeto romano.

Largamente utilizado e aceito pelos indígenas, sua história é em parte contada por Bennett e Berry (1997). A proposta de sinais diferentes das letras usuais deve ter sido, entre outros fatores, a responsável pelo sucesso na sua aceitação; na época, não se deve ter pensado na impressão de textos, o que, na verdade, sempre motivou o emprego do alfabeto romano. Contudo, segundo Cagliari (2012), é criticável o excesso de diacríticos de muitas propostas de escrita, no Brasil, tornando pouco prático o seu uso pelos indígenas.

Meliá (1997), ao discutir a escrita e seu poder, aponta o caso da língua guarani do Paraguai, que, apesar de ter tido uma literatura colonial, infelizmente perdida para nós, apesar de se saber que o guarani é a segunda língua em todo país, mesmo assim ele a considera ágrafa. Isso se deve ao pouco uso que a es-

crita tem na vida das pessoas. O guarani teria escritores, mas não teria leitores para sua literatura. Esta seria a situação da escrita de línguas indígenas no Brasil? Difícil responder, porque aqui, com 180 línguas (o montante é discutível entre especialistas), e mais de 200 povos indígenas, a situação linguística do país não está mapeada, apesar de esforços iniciais como a tentativa de criação de um Inventário Nacional da Diversidade Linguística, com decreto assinado pelo então presidente Lula, em 2010. Sete anos se passaram e pouco avançamos para esse inventário, com exceção das iniciativas individuais de pesquisadores linguistas ou não.

Assim, não sabemos como estão as línguas indígenas orais, e praticamente nada sabemos sobre as de sinais. Sobre os esforços para sua manutenção, ao refletir sobre a prática de ensino de noções teóricas de linguística para professores indígenas em curso de formação (Curso de Licenciatura Intercultural – UFG), Borges (2010) aponta que tais noções têm contribuído para a valorização das línguas indígenas nos currículos das escolas das aldeias ao permitir a metalinguagem sobre o que, antes apenas oral, já conta com registro escrito. Mônica Borges, Maria do Socorro Pimentel da Silva e equipe multidisciplinar têm realizado importante trabalho na formação de professores indígenas, portanto, de diversas etnias.

Importante polo também de formação de linguistas indígenas no Brasil tem sido a UNB, com o LALLI, coordenado por Ana Suelly Arruda Câmara Cabral e Aryon D'Alglona Rodrigues, este recentemente falecido. Os professores indígenas têm se formado e alcançado titulação de mestres e doutores, contribuindo para a documentação de suas línguas e culturas também.

Recentemente, o Museu Nacional do Rio de Janeiro passou a contar com um curso de mestrado profissionalizante, aberto a professores indígenas, de todo país, em iniciativa pelo PROFFLIND. Outras iniciativas existem no país, mas muito ainda precisa ser feito, a começar pela documentação e descrição das línguas indígenas.

Se não sabemos ainda a situação linguística do país, o que podemos dizer da escrita para sociedades antes ágrafas? Lévi-Strauss (1999), em relato de um encontro com os nambiquara, na década de 1930, em capítulo que chamou "Lição de escritareflete sobre o uso da escrita, sua função para índios e não-índios. Após sua chegada à comunidade nambiquara, trabalhava com seu chefe como informante, que podia compreender português. Ao perguntar coisas, ele respondia imitando o antropólogo, fingindo

escrever em um papel e mostrava a ele para que lesse sua resposta. Em seguida, representava o que teria “escrito”. Então, ao entregar a ele os presentes, para que distribuísse a sua comunidade, o chefe fez muitos rabiscos em um papel e representou para sua comunidade a “leitura” do que ali estaria escrito, decidindo o que iria dar a cada um e, obviamente, o que pegaria para seu próprio uso. A partir desse curioso fato, Lévi-Strauss reflete sobre a origem da escrita nas sociedades e sua principal função. Afirma que satisfações intelectuais e estéticas seriam sempre secundárias, enquanto funções, pois, para ele, a escrita sempre favorece a exploração dos homens, o domínio de poucos sobre muitos, antes de lhes proporcionar alguma iluminação, e a democratização do seu conhecimento então teria o objetivo de fazer com que os cidadãos apenas cumpram a lei. Concordamos em parte com isso, obviamente, pois aponta para a luta com o objetivo de dominar, subjugar sempre, o que sempre ocorreu. Mas seria apenas este o fator primordial do grafocentrismo? Seria a escrita apenas opressão? Para muitos, em muitos contextos, talvez sim.

Pattanayak (1997, p.118) aponta que “Deve-se entender que a cultura escrita não constitui solução para todos os problemas, mas um problema em si mesma”. Obviamente concordamos que ela é um problema, ao julgar pessoas pela forma como falam e escrevem, tendo em vista um padrão escrito da língua. Assim, vemos que é opressora, causadora de preconceitos linguísticos, que vêm sendo denunciados pela sociolinguística. Portanto, não acreditamos que a escrita seja mesmo superior, primordial e solução de problemas, mas muitas vezes causadora de problemas e desentendimentos. Então seria o grafocentrismo um mal a ser combatido? Devíamos nos focar na oralidade?

Na verdade, a língua oral pura não existe. O que é pureza linguística, se todos os povos se relacionam entre si, se têm influências mútuas em suas línguas, mesmo sendo ágrafas? Além disso, não temos como conseguir retorno à tradição oral apenas, em um mundo como o nosso, em que, inclusive, as novas tecnologias fizeram as pessoas lerem e escreverem mais. Deixar os povos indígenas, que já conosco tiveram contato, distantes da escrita é um preconceito, é negar-lhes o acesso a elementos culturais que talvez sejam importantes para seu povo. E, se a escrita de uma língua majoritária entra em uma comunidade até pouco tempo ágrafa, a assimetria se instaura, porque, no caso do Brasil,

por exemplo, acesso a textos escritos em português é muito fácil, o que se tem é incomensurável, mas numa língua indígena, há pouca literatura escrita.

Segundo D'Angelis (2012), cabe à comunidade escolher se vai ou não adotar a escrita e, se o fizer, caberá a ela decidir valorizar sua língua própria, e, com isso direcionar políticas linguísticas. Mas pensamos que os profissionais linguistas que com tais comunidades trabalham devem orientá-las a valorizar suas línguas, franqueando-lhes conhecimento a casos de povos que perderam ou quase perderam suas línguas e que sentem que tal perda prejudica sua identidade (como é o caso dos tupinambá, relatado por Costa (2013). Assim, a adoção de uma escrita em sua língua é força para sua manutenção e prestígio entre os mais jovens, que se veem às voltas com a necessidade de escrever documentos, projetos, artigos de opinião na língua oficial de seu país, a qual procuram dominar para não serem dominados (FARGETTI; MOSCARDINI, 2013).

Portanto, vemos que a escrita está presente para índios e não-índios e negá-la não é possível, nem produtora. Então, se somos grafocêntricos, se, mesmo ao falarmos, pensamos nas letras, como se dá esta questão em comunidades surdas? São os sinais baseados na escrita? E em povos em que a escrita é recente, os sinais poderiam se referir a ela? De que forma?

CONFIGURAÇÃO DE MÃO E RELAÇÃO COM GRAFOCENTRISMO

Como é de conhecimento, as línguas de sinais não possuem registro escrito e por isso é difícil localizar as suas origens, além de seu conhecimento, enquanto sistema, ser ainda pequeno (RAMOS, 2012, p. 2). Contudo, podemos afirmar o mesmo para a maioria das línguas do mundo: suas origens são hipotéticas, baseadas em teorias migratórias, e muitas línguas orais deixam de existir, antes mesmo de receberem qualquer registro e análise.

Entretanto, existem registros que nos permitem conhecer algumas características da libras desde sua origem como sistema aceito pela sociedade. Ramos (op. cit.) pontua, por exemplo, que na França, século XVIII, um abade instruiu formalmente duas surdas a partir da língua de sinais conhecida em Paris e sua metodologia, então respeitada por seus resultados, passou a ser utilizada para

⁵ Em seu início, era chamado Instituto Nacional de Surdos-Mudos, criado por D. Pedro II, através da Lei 839, em 26 de setembro de 1857. O interesse do monarca era devido à existência de surdos entre seus familiares, e, para sua educação, ele trouxe de Paris um professor especialista em língua de sinais. Assim, percebe-se que a língua de sinais brasileira, como ficou conhecida, teve influência direta da francesa. (RAMOS, 2012, p. 2)

a instrução de surdos na capital francesa.

Citamos os primeiros registros acerca da língua francesa de sinais porque ela, por sua vez, originou a libras, como veremos a seguir. Os primeiros registros sobre esta língua, porém, surgem bem mais tarde com a criação do INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos⁵.

Como podemos perceber, pela observação de relatos antigos de educadores do século XIX, a escrita da língua francesa e da língua portuguesa sempre estiveram presentes no uso da libras, influenciando-a de diversas maneiras, sendo representada, como já dito, pela datilologia, ou alfabeto manual. A soletração manual, como também é chamada, é amplamente utilizada nas línguas de sinais como um meio para representar palavras escritas de uma língua oral, mas não somente para isso. Pesquisadores do léxico e da gramática da libras demonstram que o uso da soletração manual na libras é muito produtivo. Castro Júnior, um pesquisador surdo, explica que o alfabeto datilológico teria importante função de intercomunicação entre línguas diferentes, uma vez que, caso um surdo conheça a escrita da língua oral do outro surdo, poderá usar letras do alfabeto dessa língua oral, para saber seu correspondente na língua de sinais. Portanto, o uso de letras não substitui apenas os sinais, ele cumpre uma função comunicativa importante e frequentemente utilizada no meio da cultura surda, tendo grande importância na prosódia da comunicação. (CASTRO JÚNIOR, 2014, pp. 39-40)

O autor aponta, inclusive, a possibilidade de gramaticalização da datilologia na Libras:

Várias questões com implicações na organização da gramática da datilologia nos estudos da variação linguística em Libras estão relacionadas com a pesquisa de situações em que a datilologia é desejável em Libras. Uma dessas sugestões é estudar como se dá o processo de evolução da datilologia na Libras. Uma das propostas leva em consideração a seguinte evolução linguística: datilologia --> sinais soletrados --> processos datilológicos --> sinal-termo na Libras --> variantes em Libras --> convencionalização --> padronização. (CASTRO JÚNIOR, 2014, p.41)

Fica claro, então, o quanto a datilologia já foi útil e “desejável”, como coloca Castro Júnior, para a libras, e o quanto ainda será. O grafocentrismo característico da sociedade europeia certamente influenciou suas línguas de sinais, então, chegando até a libras,

língua falada por surdos brasileiros dos centros urbanos. Porém, é interessante refletir sobre essa necessidade de se prender ao que é gráfico. Pesquisadores colocam que essa é uma característica presente na “maioria” das línguas de sinais, porém essa é uma necessidade não demonstrada pelos povos indígenas em geral. Portanto criamos a hipótese de que também não seria demonstrada pelos terena surdos ou outras comunidades surdas indígenas.

Em nosso caso, o objetivo era descobrir se existem indícios de que alguns sinais terena (ou todos) sofreram influência da dactilologia em um de seus aspectos fundamentais - a configuração de mãos - como aconteceu com a libras. A Configuração da mão (CM) é a forma que a mão adquire no momento da realização de um sinal. Por pesquisas linguísticas, foi comprovado que na libras existem 46 configurações de mão (Quadro I), sendo que o alfabeto manual utiliza 26 destas configurações para representar as letras.



Quadro I (FERREIRA BRITO, 1995, p. 220)

⁶Segundo o pesquisador (op. cit.), o grupo de estudo em variação linguística da libras, em consonância multidisciplinar com outros grupos dos núcleos na Universidade de Brasília (UnB) discute inicialmente a proposta de registrar sinais-termo que são formas variantes na Libras, visando a criação de um Núcleo de Pesquisa em Variação Regional dos Sinais da Libras – Varlibras.

Essas configurações de mão que representam letras do alfabeto estão presentes em alguns sinais da libras, fazendo referência à letra inicial do nome do seu respectivo referente em português. Isso configura um tipo de empréstimo presente na libras que advém da língua portuguesa. Existem outros tipos de empréstimo nessa língua com origem no português, porém queremos nos ater, neste artigo, a esse processo específico, chamado de inicialização (initialized signs).

Sobre datilologia e empréstimos nas línguas de sinais advindos de línguas orais, Nascimento (2010, p. 27) afirma que a maioria dos empréstimos em línguas de sinais vem de uma língua oral, por meio de datilologia, a qual a autora compara à soletração de línguas orais; a letra então entraria numa configuração de mão da língua de sinais e poderia então também receber algum movimento. A pesquisadora ainda aponta que “a soletração manual tem sido um canal produtivo para empréstimos entre línguas orais e de sinais”, e que é preciso distinguir datilologia propriamente dita de empréstimos lexicais, que já teriam adentrado o sistema linguístico, após ter passado por uma fase de preenchimento de lacuna, o que chamaríamos de “variação”, para posterior mudança.

A inicialização, segundo a autora, não é um fenômeno muito estudado, porém já foi detectado em línguas de sinais estrangeiras, e aqui, no Brasil, foi descrito primeiramente por Brito (op. cit.) e Faria (2009), sendo chamado por Faria também de empréstimo por transliteração de inicial. Ou seja, ela se apresenta como o surgimento de novo sinal, que toma emprestada, da escrita da língua oral, a letra inicial da palavra, representada pela configuração de mão (CM) neste sinal.

Um exemplo é o sinal PROFESSOR, em libras, que é realizado com a CM que representa a letra P da datilologia. O sinal para PEDRA, em libras, também tem a configuração de mão em P. Essas ocorrências não são regra, mas são um processo notável nessa língua, para a produção de novos sinais, inclusive dos chamados sinais-termos (estudados por pesquisadores como Castro Júnior e outros no projeto Varlibras⁶). Esse processo é chamado de processo datilológico. Sendo assim, é notável o quanto a escrita da língua portuguesa e de outras línguas já influenciou e ainda influencia a libras (CASTRO JÚNIOR, 2011; CASTRO JÚNIOR, 2014).

Ao perceber o quanto o gráfico influencia a libras e ou

tras línguas de sinais, como a francesa, e é incorporado nelas, passamos a questionar se os sinais terena teriam também essa característica. De acordo com Sumaio, fica claro que alguns sinais utilizados por alguns terena surdos (os que conhecem libras) foram influenciados pela libras, como o sinal ALDEIA CACHOEIRINHA e o sinal CACIQUE (SUMAIO, 2014), apresentados a seguir. Os sinais - representados por imagens sequenciais que possibilitam perceber a trajetória de seu movimento – podem ser vistos abaixo:

Figura 1 – Sinal CACIQUE⁷



(1 a)(1 b)



(1 c)

Figura 2 – Sinal ALDEIA CACHOEIRINHA⁸



(2 a)

(2 b)



(2 c)

⁷Sinalizante: Tainara

⁸Sinalizante: Tainara

⁹Sinalizante: Bebeto

Percebe-se que se utiliza a configuração de mão em C ao longo de todo o sinal, além da referência à faixa presidencial, traço de iconicidade presente em sinais da libras que fazem referência a autoridades, como o sinal PRESIDENTE ou GOVERNADOR e da referência ao sinal CACHOEIRA, em libras, tendo em vista que são utilizados os mesmos pontos de articulação e o mesmo movimento desses sinais. Entretanto, precisam ser ressaltados dois fatos acerca desses sinais, antes que sejam feitas as análises de outros sinais terena: em primeiro lugar, dentre tantos sinais coletados entre os terena, apenas nesses dois sinais (além de alguns poucos sinais para nomes próprios, ou seja, criados por surdos purutuyé, e não pelos terena) foi detectada a influência da libras e do grafocentrismo, na referência à letra “C” que inicia tanto a palavra “cacique” quanto a palavra “Cachoeirinha”. Essa pequena quantidade de sinais representa uma porcentagem mínima se comparada à porcentagem de sinais coletados que não mostrou ter sofrido esse tipo de influência. Não que a influência de outras línguas seja algo negativo.

Estudos da sociolinguística já comprovaram há bastante tempo que a influência de uma ou mais línguas sobre outra(s) é perfeitamente natural e contribui para o crescimento do léxico, dentre outras camadas das línguas, enriquecendo-as. Entretanto, como já foi dito, sociedades indígenas costumam não ser grafocêntricas, e é isso que foi demonstrado também pelos sinais dos surdos terena, que mostraremos a seguir. Portanto, os sinais mostrados anteriormente configuram exceção, e não regra, entre os sinais terena.

O segundo fato a ser ressaltado, porém, é que os surdos terena que criaram e utilizam esses sinais são surdos jovens e que conhecem a libras. Esses sinais, portanto, foram criados recentemente, pois, como já foi dito, esses surdos não conheceram a libras na fase de aquisição da linguagem. Além disso, esses jovens representam uma pequena parte de todos os informantes com quem já trabalhei. Portanto, isso demonstra uma influência recente e ainda pequena e mostra que os sinais nativos dos terena originalmente não têm configuração de mão ligada à representação do alfabeto da língua portuguesa ou da língua terena escrita.

Afastando-nos das exceções, e focalizando a regra para atingir o objetivo de explanar nossa tese, apresentamos a seguir os sinais para PROFESSOR e PEDRA, para uma comparação com os sinais já citados da libras. Em seguida, apresentaremos outro sinal da libras, com outra configuração de mão, e seu sinal correspondente nos

sinais terena.

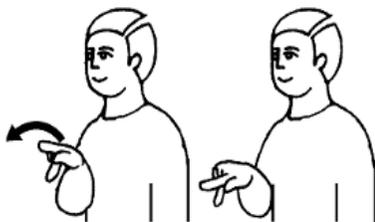


Figura 3 – Sinal PROFESSOR

Fonte: Google imagens

Este é o sinal PROFESSOR em libras. Sua configuração de mão, como se pode perceber, é a mesma que representa a letra P, do alfabeto da língua portuguesa.



Figura 4 – Sinal PROFESSOR⁹

RODRIGUES, S. A., Coleta de dados com informantes, 2016

Este é o sinal para professor em sinais terena. Ao contrário do que ocorre no mesmo sinal em libras, não há nenhuma referência à escrita da palavra “professor” em português ou em terena. A referência icônica para esta configuração de mão, segundo os próprios informantes, é o óculos que um professor que lecionava conteúdos na escola para um deles costumava usar.

Vejamos agora outro exemplo:

Fonte: Google imagens

Figura 5 – Sinal PEDRA



Este é o sinal PEDRA em libras. Sua configuração de mão também representa a letra P, do português.



RODRIGUES, E. L., Coleta de dados com informantes, 2016

E este é o sinal PEDRA nos sinais terena. Com ele acontece o mesmo: não há nenhuma referência à escrita da palavra “pedra” em português ou em terena. A referência icônica para esta configuração de mão parece ser apenas um formato genérico para representar uma pedra. O próximo sinal é o sinal CANTAR, na libras. Esse sinal é realizado com a configuração de mão em C.



Figura 7 – Sinal CANTAR

Fonte: Google imagens

O sinal CANTAR dos terena representa iconicamente alguns movimentos corporais possíveis de alguém que está cantando e utilizando um microfone:

¹⁰Sinalizante: Tainara

¹¹Sinalizante: Tainara

Figura 8 – Sinal CANTAR¹¹

(8 a)

(8 b)

RODRIGUES, E. L., Coleta de dados com informantes, 2016

O fato dos sinais terena não terem originalmente configurações de mão que lembrem datilologia, mostra que eles não estão relacionados com um sistema de escrita. Alguns pesquisadores já afirmaram (em comunicação pessoal) que os sinais terena são inferiores aos sinais da libras, subdesenvolvidos, primitivos, como eram os sinais da libras antes de se “estabelecerem” como língua. Porém, se uma das justificativas para se dizer isso é o fato das configurações de mão dos sinais dos terena serem bastante diferentes das configurações de mão geralmente vistas na libras e em outras línguas de sinais, os dados não se sustentam, já que vimos por meio dos exemplos citados e podemos ver em tantos outros sinais que essa característica é simplesmente um reflexo de uma cultura que não se apega ao grafocentrismo, pois não necessita do gráfico para subsistir. Percebemos que essas configurações de mão são suficientes para as necessidades de comunicação dos terena que utilizam esses sinais.

CONCLUSÃO

A noção de grafocentrismo é vista, em geral, como pejorativa, no sentido de culturas muito focadas na escrita, esquecendo-se de que as línguas são, primeiramente, orais. Contudo, como vimos, a datilologia, nas línguas de sinais não-indígenas, é importante recurso, que, embora advindo do grafocentrismo, permite melhorar a comunicação, em especial quando há dificuldades de compreensão. Assim, usar sinais que apresentam referência à escrita da língua oral, majoritária, não é compreendido como um problema, como

um uso indevido, em uma língua distinta, que não contaria com escrita própria já consolidada. Podemos pensar que a datilologia é influência de uma língua majoritária que obriga o surdo a se adaptar a ela (como nos casos de obrigar surdos a ler lábios dos falantes, ou mesmo obrigá-los a oralizar e a usar implantes cocleares). Mas talvez ela seja sentida como empréstimo, e, como tal, um fenômeno totalmente previsível nas línguas do mundo, orais ou não.

Nas línguas de sinais ou nos “sinais indígenas”, como chamamos os sinais que ainda não têm classificação conclusiva, é interessante perceber que esse aspecto não aparece, pois elas não se formaram pela escrita, uma vez que as sociedades eram ágrafas. Isso mostra o quanto a cosmovisão de um povo influencia seu sistema linguístico. Os sinais terena mostram, então, que os surdos e ouvintes terena que se utilizam deles não se apegam ao que é gráfico, assim como os outros ouvintes terena fizeram por muitas décadas e de certa forma, ainda fazem, embora saibamos que a sociedade terena tem se esforçado para valorizar e revitalizar sua língua oral, através de projetos de documentação e de ensino bilíngue intercultural.

Assim, a questão sobre o grafocentrismo não é simples, embora no momento percebamos que as línguas indígenas de sinais, devido a longa tradição oral de seus respectivos povos, não façam uso de inicialização, e mostrem sinais totalmente independentes de escrita.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, W. T.L. Variação fonológica da libras: um estudo sociolinguístico de comunidades surdas da Paraíba. Tese de Doutorado. João Pessoa: UFB, 2013.

AZEVEDO, M. J. S. Contribuições Linguísticas Aplicadas ao ensino da Língua de Sinais na Comunidade SateréMawé na Microrregião de Parintins, Dissertação de Mestrado. Manaus: UEA, 2015.

BALDUS, H. Ensaios de Etnologia Brasileira, 2. ed., São Paulo, Ed. Nacional, 1979.

BENNETT, J. A.; BERRY, J. W. A escrita silábica dos crees. In: David Olson; Nancy Torrance. Cultura escrita e oralidade. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

BITTENCOURT, C. M. F.; LADEIRA, M. E. A história do povo Terena. Brasília : MEC ; São Paulo : USP/CTI, 2000.

BORGES, M. "Línguas indígenas e o português brasileiro": a experiência com os alunos Tapirapé. In: Leadro Rocha; Maria do Socorro Pimentel da Silva; Mônica Veloso Borges. Cidadania, interculturalidade e formação de docentes indígenas. Goiânia: Editora da PUC Goiás, 2010.

CAGLIARI, L. C. Sistema de escrita para línguas ágrafas. In: Cristina Martins Fargetti. (Org.). Abordagens sobre o léxico em línguas indígenas. 1ed.Campinas: Curt Nimuendaju, 2012,p. 37-66.

CASTRO JÚNIOR, G. de. Variação Linguística em Língua de Sinais Brasileira - Foco no Léxico. Dissertação de Mestrado. Brasília: UNB, 2011.

CASTRO JÚNIOR, G. de Projeto VarlibrasTese de Doutorado. Brasília: UNB, 2014.

COSTA, F. V. F. Revitalização e ensino de língua indígena: interação entre sociedade e gramática. Tese de Doutorado. Araraquara: UNESP, 2013.

D'ANGELIS, W. R. Aprisionando sonhos. A educação escolar indígena no Brasil. Campinas: Curt Nimuendaju, 2012

FARGETTI, C.M.; MOSCARDINI, L.E. Escrever em português: desafios para uma escola indígena (juruna). In: Wilmar da Rocha D'Angelis (org.) Ensino de português em comunidades indígenas: 1ª e 2ª língua. Campinas: Curt Nimuendaju, 2013.

FARIA, S. P.Representações lexicais da língua de sinais brasileira. Tese de Doutorado. Brasília: UNB, 2009.

FELIPE, T. A.Políticas públicas para inserção da LIBRAS na educação de surdos. In. Revista Espaço. Informativo Técnico Científico do INES. Nº 25/26, JAN-DEZ./ 2006, P.33-47.

FERREIRA, L. Por uma gramática de línguas de sinais. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 2010.

GESSER, A. Libras? Que língua é essa? : crenças e preconceitos em torno da língua de sinais e da realidade surda.São Paulo: Parábola Editorial, 2009.

GIROLETTI, M.F.P. Cultura Surda e Educação Escolar Kaingang. Dissertação de Mestrado. Florianópolis: UFSC, 2008.

KAKUMASU, J. Y. Urubu-Kaapor Sign Language. In: Summer InstituteofLinguistics , 2005.Disponível em:<http://www.sil.org/americas/brasil/LANGPAGE/PORTUKPG.HTM>. Acesso em: 15 mai. 2013.

LADEIRA; AZANHA, Terena: História. 2004.Disponível em: <https://pib.socioambiental.org/pt/povo/terena/1042> Acesso

em: 26/01/2017.

LÉVI-STRAUSS, C. Lição de escrita. In: Tristes trópicos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999.

MELIÁ, B. Bilingüismo e escrita. In: Wilmar D'Angelis e Juracilda Veiga (Orgs.) Leitura e escrita em escolas indígenas. Campinas: ALB: Mercado de Letras, 1997.

NASCIMENTO, C. B. Empréstimos Linguísticos do Português na Língua de Sinais Brasileira – LSB: Línguas em Contato. Dissertação de Mestrado. Brasília: UNB. 2010.

NASCIMENTO, G. B. N. Aspectos gramaticais da língua terena. Dissertação de Mestrado. Belo Horizonte: UFMG, 2012.

OLIVEIRA, R. C. Do Índio ao Bugre: O Processo de Assimilação dos Terena. 2a Ed. Rio de Janeiro: Francisco Alves. 1976

PATTANAYAK, D. P. A cultura escrita: um instrumento de opressão. In: David Olson; Nancy Torrance. Cultura escrita e oralidade. 2ª ed. São Paulo: Editora Ática, 1997.

PIKE, K. L. Phonemics: a technique for reducing languages to writing. Ann Arbor: The University of Michigan Press, 1971. (1. ed., 1947).

QUADROS, R.M.; KARNOPP, L.B. Língua de Sinais Brasileira. Porto Alegre: Artmed, 2004.

RAMOS, C. R. LIBRAS: A Língua de Sinais dos Surdos Brasileiros, 2012. Disponível em: <http://www.editora-arara-azul.com.br/site/>. Acesso em: 26/01/2017

ROSA, A. M. Aspectos morfológicos do Terena (Aruák). Três Lagoas: UFMS, 2010, Dissertação (Mestrado).

SAMPSON, G. Sistemas de escrita. Tipologia, História e Psicologia. São Paulo: Editora Ática, 1996.

SILVA, D. Estudo lexicográfico da língua terena: proposta de um dicionário bilíngue terena-português. Tese de Doutorado. Araraquara: UNESP, 2013.

SUMAIO, P. A. Sinalizando com os Terena: um estudo do uso da libras e de sinais nativos por indígenas surdos. Dissertação de Mestrado. Araraquara: UNESP, 2014.

VILHALVA, S. Índios surdos: mapeamento das línguas de sinais do Mato Grosso do Sul. Petrópolis, RJ: Arara Azul, 2012

XAVIER, C. T. S. A Escola e o Desenvolvimento Motor em Escolares. Dissertação de mestrado. Belém: Universidade Federal do Pará, 2009.